

Corro só

Corro só. Controlo a respiração e o passo. Flutuo no terreno húmido, como se cada gota de água que me molha os calcanhares possuísse algo de glorioso. Sim, glória porque não avisto ninguém à minha frente, comigo ou atrás de mim.

Acelero. Vejo os ponteiros do relógio desaparecerem no ar, medindo um tempo que é mais de ânsia do que de horas, minutos ou segundos. Oíço gritos de apoio ou talvez ecos de mim mesmo - «Mais rápido! Mais rápido!». As gotas secaram com o vento. A brisa transformou-se numa rajada que me rasga a pele. Sinto-me a metros de me tornar o ser mais poderoso do universo. Lançado para a vitória como quem se atira corajosamente para terreno oculto. Vejo-me ave que plana pela primeira vez. Sinto-me nuvem, deslizando por esse meu céu de sonhos. Imagino-me partícula de poeira, explorando o espaço infinito.

Tropeço no som de passadas que não são as minhas. Sustenho a respiração. A adrenalina espalha-se-me pelo corpo. Sinto os salpicos de lama das sapatilhas que arranham o chão na minha traseira. O esforço último assalta-me a expressão do rosto, sofrida. «Quase, quase!». Um «quase» que não é suficiente. Sinto o vulto apanhar-me o ritmo.

Coreografamos em conjunto: passada condizente, respiração coordenada, trincar de lábios, disputa de um destino próximo. Destino este que apenas admite um aventureiro. Quem será ele? Quem poderá ter a frieza de interromper esta dança maravilhosa?

O meu joelho esquerdo começa a ressentir-se. Já avisto a plataforma cintilante e a fita vermelha. Os nossos ombros continuam colados. Desvio o olhar para quem me ladeia: rosto resignado, derrotista. Avisto a janela da glória novamente- «É agora!». Por algum motivo o meu corpo não obedece. Cedo perante o envolvimento na dança. Suspendo o passo final. Faço-o por vontade própria, porque o brilho do troféu já não me ofusca a visão, porque a companhia e a conversa não-verbal ressuscitaram algo em mim. A fita desfaz-se, por fim, nos nossos corpos suados, exatamente à milésima do mesmo segundo. Esboço um sorriso inconsciente, incontrolável, correspondido por um olhar puro e indescritível de admiração. Invade-me um arrepio de humanidade.

Já não corro só.